

*Povoamento e organização territorial de Frutal nos séculos XIX e XX: o Cerrado mineiro*

*Poblamiento y organización territorial de Frutal en los siglos XIX y XX: el Cerrado mineiro*

*Population and territorial organization in Frutal in the nineteenth and twentieth centuries: Cerrado mineiro*

*Ananda Maria Garcia Veduvoto*  
Mestranda em Geografia  
Universidade Estadual de Campinas  
ananda.veduvoto@gmail.com

*Lucia Elena Pereira Franco Brito*  
Doutoranda em História  
Universidade Federal de Uberlândia  
luciaelenaafb@gmail.com

## **Resumo**

Este trabalho analisa a produção do espaço urbano na cidade de Frutal – Minas Gerais, nos séculos XIX e XX. Para tanto, o estudo considerou as peculiaridades paisagísticas da região – o domínio cerrado – e o modo de povoamento do lugar, no que tange às características da ocupação regional e ao estabelecimento das moradias. Foi possível verificar que os cursos d'água que cortam a cidade de Frutal, necessários à sobrevivência dos moradores, foram utilizados também para demarcar “territórios”, diferenciando socioespacialmente os primeiros povoadores (bugres, negros e brancos) de forma étnico-cultural e econômica. Tomando como base teórica os pressupostos da Geografia Histórica, com ênfase no binômio tempo-espaço, foram consideradas as categorias analíticas paisagem, lugar, espaço e território, uma vez que se entende temporalidade e espacialidade como fatores essenciais para a compreensão da totalidade de processos constitutivos do espaço geográfico. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que as particularidades do povoamento de Frutal e as diferenciações (re)construídas ao longo dos séculos XIX e XX são fundamentais para que se compreenda a organização da territorialidade e a produção da urbanização da cidade do século XXI.

**Palavras-chave:** espaço; tempo; povoamento; diferenciação socioespacial.

### Resumen

Este trabajo analiza la producción del espacio urbano en la ciudad de Frutal – Minas Gerais, en los siglos XIX y XX. Para este fin, el estudio consideró las peculiaridades paisajísticas de la región – el dominio Cerrado – y el modo de poblamiento del lugar, con respecto a las características de la ocupación regional y al establecimiento de las moradas. Fue posible verificar que cursos de agua que cortan la ciudad de Frutal, necesarios a la sobrevivencia de los moradores, fueron utilizados también para demarcar “territorios”, diferenciando socio-espacialmente los primeros pobladores (indios, negros y blancos) de forma étnico-cultural y económica. Tomando por base teórica los presupuestos de la Geografía Histórica, con énfasis en el binomio espacio-tiempo, fueron consideradas las categorías analíticas “paisaje”, “lugar”, “espacio” y “territorio”, ya que se entiende temporalidad y espacialidad como factores esenciales para la comprensión de la totalidad de procesos constitutivos del espacio geográfico. En esta perspectiva, se puede afirmar que las particularidades del poblamiento de Frutal y las diferencias (re)construidas a lo largo de los siglos XIX y XX son fundamentales para que se comprenda la organización de la territorialidad y la producción de la urbanización de la ciudad del siglo XXI.

**Palabras-clave:** espacio; tiempo; poblamiento; diferenciación socio-espacial.

### Abstract

This paper analyzes the production of urban space in the city of Frutal – Minas Gerais in the nineteenth and twentieth centuries. Therefore, the study considered the region landscape peculiarities – Cerrado dominion – and the place’s population way, with regard to features of regional occupancy and housing settlement. It was possible to verify that watercourses running through Frutal, necessary to inhabitants’ survival, were also used to demarcate “territories”, distinguishing socio-spatially the first populations (Indian, white and black) in ethnic-cultural and economical way. Taking presuppositions of Historical Geography as theoretical basis, with emphasis in the time-space binomial, the analytical categories “landscape”, “location”, “space” and “territory” were considered, since one can construe temporality and spatiality as essential factors for comprehending the totality of constituent processes of geographical space. From this perspective, we can affirm that the population particularities of Frutal and the differences (re)built over the nineteenth and twentieth centuries are crucial to understand the territoriality organization and the urbanization production in the twenty-first century city.

**Keywords:** space; time; population; socio-spatial distinction.

## Introdução

Estudos de relevância têm destacado a importância do cerrado brasileiro no que se refere a sua biodiversidade e à produção agropecuária. No entanto, dada a localização geográfica deste domínio – que, segundo Ab’Sáber (2003), se estende, principalmente, pelo Planalto Central<sup>1</sup>, constituído pelos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Tocantins e Mato Grosso do Sul –, nota-se que são áreas altamente povoadas e urbanizadas. Este estudo tem o propósito de investigar, de forma geral, a produção e organização do espaço urbano do Sertão da Farinha Podre<sup>2</sup> (Triângulo Mineiro) e, mais detidamente, da cidade de Frutal, nos séculos XIX e XX. Dessa maneira, ao considerar as características paisagísticas do lugar (o domínio cerrado), incluiu a discussão dos recursos hídricos, solo, vegetação e clima. Ao lado disso, foi considerada a perspectiva de antigos moradores de Frutal<sup>3</sup> – sujeitos que atuaram na construção e (re)construção deste espaço.

Na formação da cidade propriamente dita, foram analisadas as barreiras físico-naturais – córregos e ribeirões –, que serviram para fixar os primeiros moradores, delimitando espaços, em função da origem social e étnico-cultural. Assim, a análise consistiu da observação da estrutura deste espaço que, por meio de sua (re)produção, originou a cidade do século XXI.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de contribuições da Geografia e da História. Isso porque, “para ir ao encontro da interpretação dos lugares, a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem” (SILVA, 2012, p. 2). É importante destacar que as análises da Geografia Histórica não se restringem apenas aos fatos passados ou presentes, mas se referem à *totalidade* dos processos que compõem o espaço e possibilitam sua compreensão.

---

<sup>1</sup> A região central brasileira é comumente chamada de “Planalto Central” devido à característica aplainada do seu relevo e por se localizar bem no centro do país.

<sup>2</sup> A região hoje conhecida como Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba foi denominada, à época das bandeiras, de Sertão da Farinha Podre, em virtude do fato de que alimentos transportados pelos comboios que se dirigiam a Goiás se deterioravam naquelas paragens.

<sup>3</sup> O presente artigo resulta de pesquisa empreendida pelo Programa Água Pra Toda Vida (Centro UNESCO-HidroEX) que, por meio do Projeto “História e Cultura da Água em Frutal”, realizado entre 2012 e 2013, objetivou registrar a memória histórica e geográfica de Frutal – MG, coletando entrevistas com antigos moradores da cidade.

Sendo assim, o estudo da história das cidades contribui fortemente para o conhecimento do espaço por meio de suas heranças. Considerando o tempo e o espaço como categorias indissociáveis, pode-se perceber que o espaço é uma coexistência de tempos. Para Santos (apud SILVA, 2012, p. 2), “o espaço é a acumulação desigual dos tempos”. O que significa compreender a temporalidade ligada à concepção do espaço, o qual é constituído por heranças materializadas. Santos (1999, p. 22) esclarece, ainda, que “essa união de espaço e tempo, através do que antes chamávamos igualmente de espaço, pode-nos dar a consciência da permanente mudança”. Entretanto, tais mudanças manifestam-se em mais de uma escala geográfica, podendo ser representadas na paisagem, no lugar e no território.

Por território entende-se “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza, a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS; BECKER, 2007, p. 13). Santos (1999, p. 19) destaca que o

[...] território tem de ser visto como algo que está em processo. E ele é muito importante, ele é o quadro da vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local. Por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos.

Já as representações de paisagem para a Geografia estão relacionadas às técnicas de diferentes tempos, sua permanência ou descontinuidade no espaço. São, pois, relativas ao tempo, ao espaço e aos processos. Possibilita, portanto, que sejam interpretadas as ações do homem com a natureza, as relações de trabalho, poder e posição social, dentre outras, expressas no espaço geográfico e, conseqüentemente, na paisagem.

Aliadas ao conceito de paisagem, evidenciam-se interpretações relativas ao conceito de lugar. Abreu (1998) apoiado em Santos (1994) define o *lugar* como a extensão do acontecimento solidário, onde se tem a obrigação de conviver, solidarizar. É o *locus* do coletivo. A *cidade* é a ligação, a “aderência” entre grupos, famílias e indivíduos que se dá por meio da estrutura urbana sociabilizada.

O lugar é a apropriação simbólica do espaço, à medida que é dotado de identidade, sentimentos e permanências. Nas palavras de Tuan (1983, p. 6), lugar se diferencia de espaço, pois

[...] O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor [...], além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa. Cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar.

Para tanto, a vivência no lugar e nas cidades origina diversas memórias construídas coletivamente. São construções históricas dos homens com o espaço, de modo que não é possível considerar o *lugar* somente como um suporte da memória que se manifesta, mas, sobretudo, a possibilidade de seus habitantes tomarem consciência de si e dos outros. “Construir a paisagem implica expressar o lugar, e o lugar é o espaço feito cultura, o espaço apropriado pela consciência” (FONTCUBERTA, 2006 *apud* NORONHA, 2012, p. 2).

Para que seja possível pensar a memória da cidade e do urbano, Santos (1994) destaca a importância de se analisar o tempo/espaço e lugar/cotidiano. Ou seja, temporalidade e espacialidade não se descolam. Então se faz necessário considerar duas ideias: tempo e forma. Nas palavras de Santos,

Pode-se pensar que as ideias que comandam a elaboração da história urbana são, sobretudo, duas: a ideia de forma e a ideia de tempo. As formas, quando empiricizadas, apresentam-se seja como objeto, seja como relação a obedecer. Entretanto, é também necessário empiricizar e precisar o tempo, se nós queremos trabalhá-lo paralelamente às formas. Esse é talvez um dos grandes problemas metodológicos que se colocam à história das cidades e da urbanização (SANTOS, 1994, p. 68).

A forma é a estrutura materializada – a cidade. O tempo é materializado no lugar onde as ações humanas são dotadas de intencionalidade e sentido. Para tanto, torna-se possível, pois, analisar a história da cidade e do urbano por meio de suas memórias, seja de natureza material ou imaterial. Santos (1994) atribui sentido a esta relação quando condiciona o tempo e o espaço à multiplicidade de perspectivas, ou seja, de memórias. Assim descreve:

Na verdade, o tempo e o espaço não se tornaram vazios ou fantasmagóricos como pensou A. Giddens, mas, ao contrário, por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta não considerar o espaço como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade (SANTOS, 1994, p. 39).

No entanto, Abreu (1994) ressalta que se deve ter cautela com a utilização da memória individual (espaço da memória) como fonte única para embasar os estudos sobre a memória das cidades (espaço do real), por se tratar de uma ferramenta subjetiva. A memória dos lugares requer análises objetivas. Abreu (1994, p. 83) explica que para se pensar a memória das cidades “a ancoragem tem que ser objetiva, o que não impede que seja enriquecida com uma série de lembranças subjetivas. O importante é que, ao utilizarmos estas últimas, saibamos evitar as suas armadilhas”.

Com isso, buscou-se analisar as memórias da cidade, as quais descrevem configurações que deixaram de existir e as que permanecem, mesmo que alteradas pelo tempo e ação dos homens. A memória da cidade, de caráter material ou imaterial, é que permite interpretar o espaço vivido, assim como (re)contar a história do lugar.

É importante destacar que este estudo dedicou-se a analisar o povoamento da cidade (forma materializada) e o desenvolvimento do espaço urbano (relações sociabilizadas). Levando em consideração as diferenciações conceituais entre a cidade e o urbano, como descrito por Abreu (1998, p. 90),

Milton Santos nos adverte que devemos distinguir a história urbana e a história da cidade. Segundo ele, não se deve confundir o urbano com a cidade. O urbano teria como referencial o abstrato, o geral, o externo. A cidade diria respeito ao particular, ao concreto, ao interno.

Para compreender a estrutura e organização da cidade de Frutal, decorrentes do seu povoamento, a Geografia Histórica tem, portanto, papel primordial, uma vez que o conhecimento das antigas estruturas é fundamental para a elucidação dos atuais desdobramentos da sua espacialização.

### **Características Paisagísticas do Lugar: o domínio cerrado e o povoamento do Triângulo Mineiro**

A cidade de Frutal localiza-se a Oeste do estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro. O município está completamente inserido no domínio<sup>4</sup> cerrado.

---

<sup>4</sup> Conforme Ab’Sáber, “[...] entendemos por domínio morfoclimático e fitogeográfico um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial [...] – onde haja um esquema coerente de feições de relevo, tipos de solos, formas de vegetação e condições climático-hidrológicas” (2003, p.12).

As características deste domínio abarcam aspectos morfológicos, pedológicos, vegetacionais e climáticos, bem como exerce influência na drenagem dos cursos d'água do lugar. Quanto ao escoamento superficial, possui drenagens perenes para os cursos d'água principais e secundários. Por vezes, em virtude das características climáticas, ocorre o desaparecimento temporário dos caminhos d'água de menor ordem de grandeza. No que se refere ao clima, ainda segundo Ab'Sáber (2003), o domínio dos cerrados possui duas estações bem definidas, típicas de clima tropical, com período seco rigoroso e verão quente com chuvas concentradas.

Em Frutal, o relevo é suave, com porções de menor declividade próximas ao rio Grande e maior declividade nas chapadas limítrofes do município. Suas altitudes variam de 708 m (Serra do Sertãozinho) a 390 m (Foz do ribeirão São Mateus). O tipo de solo comum à região de Frutal são variações de latossolo. De acordo com a caracterização dos solos da Embrapa:

Os latossolos apresentam tendência a formar crostas superficiais, possivelmente, devido à flocculação das argilas que passam a comportar-se funcionalmente como silte e areia fina. A fração silte desempenha papel importante no encrostamento, o que pode ser evitado, mantendo-se o terreno com cobertura vegetal a maior parte do tempo, em especial, em áreas com pastagens. Essas pastagens, quando manejadas de maneira inadequada, como: uso de fogo, pisoteio excessivo de animais, deixam o solo exposto e sujeito ao ressecamento.

Aziz Ab'Sáber (2003) descreve a vegetação do cerrado da seguinte maneira:

[...] No entanto, indicam sempre vegetação esparsa, de troncos finos ou de cactáceas, onde os fragmentos locais de barras de rochas resistentes foram capazes de esparramar-se no chão das antigas paisagens, vindo a formar chãos pedregosos de maior ou menor espessura (AB' SÁBER, 2003, p.128).

Quanto à estrutura de solos característicos do domínio em questão, o autor esclarece haver “[...] predominância de latossolos, tanto para áreas sedimentares como para terrenos cristalinos ou cristalofilianos e eventuais exposições de basalto” (AB' SÁBER, 2003, p. 121).

Dessa forma, ao se analisar as características da paisagem de Frutal, é possível confirmar o domínio a que pertence. A importância de se conhecer os elementos que compõem a paisagem de um lugar está em observar como as populações mais antigas, em primeira instância, puderam estabelecer-se na localidade – os

alimentos que podiam ser cultivados, a criação de animais e quais eram predominantes na região, bem como a lida com os recursos hídricos.

Da vegetação, utilizavam a lenha para o cozimento de alimentos, a madeira para a construção de móveis e utensílios e, principalmente, frutos típicos complementavam a alimentação dessas populações. Segundo Barbosa (2012, n.p.):

Os cerrados exerceram papel fundamental na vida das populações pré-históricas que iniciaram o povoamento das áreas interioranas do continente sul-americano. Na região dos cerrados, essas populações desenvolveram importantes processos culturais que moldaram estilos de sociedades bem definidas, em que a economia de caça e coleta imprimiu modelos de organização espacial e social com características peculiares. Os processos culturais indígenas, que se seguiram a este modelo, trouxeram pouca modificação à fisionomia sócio-cultural, e embora ocorresse o advento da agricultura incipiente, exercida nas manchas de solo de boa fertilidade natural existentes no domínio dos cerrados, a caça e a coleta, em particular a vegetal, ainda constituíam fatores decisivos na economia dessas sociedades.

O Triângulo Mineiro era conhecido como *sertão* em virtude do distanciamento das capitais litorâneas, das principais cidades mineiras e paulistas. Esse termo foi utilizado para denotar local de povoamento incipiente e ainda rico em recursos naturais. Como menciona Lourenço (2007, p. 86), “ao se usar o qualitativo *sertão*, pressupõe-se um juízo de valor, aplicado a uma determinada localidade: expressa-se uma intenção de uso futuro do território, um desejo de colonizar”. Sendo o cerrado o domínio característico, utilizavam-se dos termos *cerrado* e *sertão* para caracterizar e denominar região da Farinha Podre.

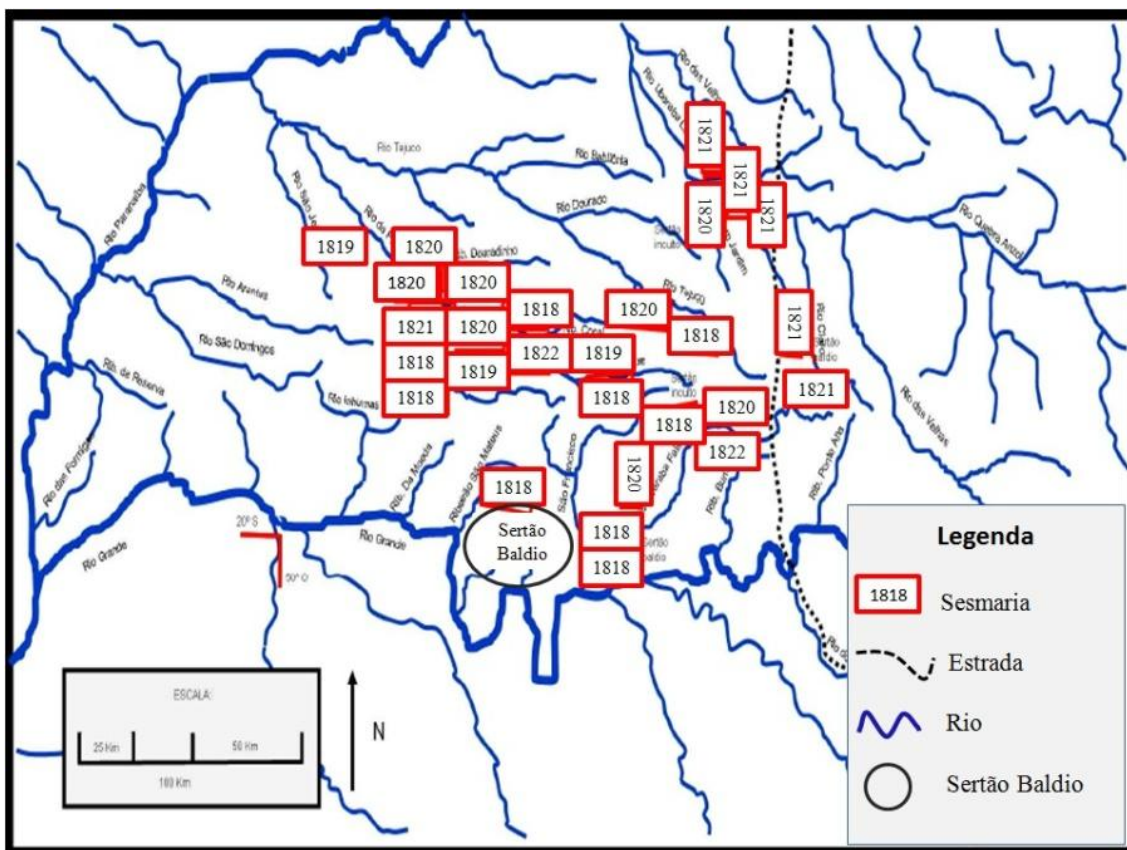
No entanto, cumpre frisar que a aplicação do termo *cerrado* para alguns tipos de vegetação dos sertões mineiros e goianos não emana de uma nomenclatura científica criada *ad hoc*; essa aplicação partiu da fala dos sertanejos. Os naturalistas oitocentistas que descreveram o *cerrado* limitaram-se a registrar, nos seus estudos fitofisiológicos, que esse era o termo utilizado pelos colonos ao se referirem a um dos tipos de campo e de mata que eles estudavam (QUINTELA, 2010, p. 253).

Se comparado ao povoamento luso-brasileiro de outras nucleações, a região de Frutal, no Triângulo Mineiro, foi ocupada tardiamente. Enquanto Uberaba, Araxá e Desemboque já eram povoadas, este espaço permanecia sem intervenção de homens brancos, somente com a presença dos Caiapós Meridionais. Como descrito por Lourenço (2007, p. 99), os primeiros anos



[...] do século XIX, indicam já alguns núcleos de povoamento, como Uberaba, Araxá, Desemboque, e a rede de aldeamentos indígenas espalhados ao longo da Estrada dos Goiases. Entretanto uma ampla área a oeste, que, hoje, corresponde ao pontal do Triângulo Mineiro, permanece sem qualquer menção à presença luso-brasileira. Até a primeira metade do século XIX, os índios caiapós meridionais resistiram ao povoamento luso-brasileiro, nas proximidades da confluência dos rios Paranaíba e Grande (GIRALDIN, 1997). Esse povo de cultura jê vivia numa área que compreendia partes dos atuais norte de São Paulo, leste do Mato Grosso do Sul, Triângulo Mineiro e Sul de Goiás (LOURENÇO, 2007, p. 100).

Tal afirmação pode ser confirmada pela análise do mapa de Lourenço (2007), “Sertão da Farinha Podre: sesmarias concedidas pelo governo da Capitania de Minas Gerais no termo do Desemboque entre 1818 e 1822”. Percebe-se que a região onde se situa a cidade de Frutal aparece com a denominação *Sertão Baldio*, reafirmando a ideia de que, até no período retratado, o local ainda não havia sido ocupado por colonizadores luso-brasileiros.



**Mapa 1:** Sertão da Farinha Podre: sesmarias concedidas pelo governo da Capitania de Minas Gerais no termo do Desemboque entre 1818 e 1822 (localização aproximada).  
**Fonte:** LOURENÇO (2007, p. 103). **Org.:** VEDUVOTO, 2013.

Entretanto, indícios arqueológicos sinalizam que a existência de povos horticultores e coletores na região do Sertão da Farinha remonta há 1.000 anos (LOURENÇO, 2005). No entanto, somente no século XVIII, os colonizadores luso-brasileiros teriam voltado seus interesses para a região, em função dos trechos utilizados para escoamento de minérios e diamantíferos. Iniciativas destinadas a aculturar a população indígena modificaram a organização cultural e espacial característica dos nativos. Aos poucos, a prática dos caçadores e coletores foi sendo substituída por técnicas utilizadas pelos colonizadores, promovendo a sedentarização desses povos.

Os Caiapós Meridionais, nome que designava grupos do Tronco Macrojê linguisticamente aparentados, habitavam o Triângulo Mineiro e mais uma vasta área correspondente aos atuais estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, à época dos primeiros colonizadores luso-brasileiros [...]. Esta região é parte da área do Sistema Biogeográfico do Cerrado, que domina grande parte do Brasil Central, e áreas menores, em alguns países vizinhos (LOURENÇO, 2005, p. 43).

Os Caiapós Meridionais eram conhecidos entre os colonizadores pela resistência e por uma suposta rebeldia. A aculturação desse povo, mediante a caboclicização<sup>5</sup> e perseguição, praticamente extinguiu essa população ameríndia. No Triângulo Mineiro, ocorreu a chegada de outros povos indígenas, que migraram das regiões de Goiás e Mato Grosso, por volta de 1730, passando a se organizar em aldeamentos<sup>6</sup>, caracterizando a primeira forma de organização espacial estabelecida pelos colonizadores.

Os aldeamentos goianos interessam-nos mais de perto, pois o Triângulo Mineiro foi parte do território de Goiás até 1816. Durante os mais de sessenta anos que essa região pertenceu àquela capitania, os aldeamentos foram praticamente a única experiência colonizadora ali empreendida pelo governo goiano (LOURENÇO, 2005, p. 51).

Os aldeamentos não tinham apenas a função de “ocupar e povoar” os territórios demarcados, mas, principalmente, “proteger” e dar apoio às tropas que transitavam de São Paulo às minas goianas. A disposição geográfica dos núcleos ao

<sup>5</sup> “Outro desfecho, que se pode seguir entre a sociedade nacional e os povos indígenas, é o da aculturação, que resulta de uma acomodação entre indígenas e roceiros.[...] na qual o indígena, aos poucos, abre mão das práticas de caça e coleta e agricultura tradicional, e se sedentariza, absorvendo de forma crescente elementos culturais dos caboclos, até que seu modo de vida se torne indistinguível destes” (LOURENÇO, 2005, p. 47).

<sup>6</sup> “Nestes núcleos, a população ameríndia nativa era sedentarizada, de forma compulsória ou cooptada pela catequese, e a partir de então era tutelada pelo colonizador” (LOURENÇO, 2005, p. 49).

longo da estrada formava uma fronteira de passagem obrigatória aos transeuntes. De modo geral, as moradias eram construídas próximas aos cursos d'água, para abastecimento e subsistência.

Os aldeamentos do Sertão da Farinha Podre foram criações do Estado Colonial, por meio do governo da capitania de Goiás. Sua localização resultou numa configuração que refletia suas concepções sobre o uso estratégico do espaço (LOURENÇO, 2005, p. 62).

Outra forma de organização espacial urbana típica da ação dos colonizadores foi a criação dos arraiais. Para tanto, a máxima providência era a construção da igreja católica como símbolo de religiosidade. Nesse caso, a ocupação e organização espacial eram iniciativa de homens brancos.

A ereção da capela e a fundação do arraial, portanto, apesar de elementos definidores da identidade territorial de uma fração da sociedade [...] eram iniciativas que partiam sempre de uma elite terratenente. Um fazendeiro ou um grupo deles doava um trato de terra ao santo e à futura capela, e esta era erguida com o consórcio dos proprietários vizinhos devotos (LOURENÇO, 2005, p. 283).

Segundo Freitas (2004), em 1809, o sargento-mor Eustáquio de Oliveira, nomeado pelo governador da Província de Goiás, viajava pelo Sertão da Farinha Podre e cuidava de conceder sesmarias. As demarcações de terra tinham o objetivo de delimitar pontos no decorrer das picadas (trilhas) que ligavam São Paulo a Goiás e Mato Grosso. De fato, entre 1816 e 1822, aumentou a concessão de sesmarias no termo do julgado do Desemboque, que compreendia o Sertão da Farinha Podre (LOURENÇO, 2007).

Em 1816, o Sertão da Farinha Podre foi desmembrado de Goiás e anexado a Minas Gerais. O alvará foi concedido por Dom João VI. Muitas expedições viajavam por essas regiões à procura de recursos minerais, de escravos fugitivos que formavam quilombos e de áreas para demarcação de terras. É possível que a região onde hoje se localiza a cidade de Frutal tenha sido passagem aos que transitavam de São Paulo a Mato Grosso e Goiás, principalmente para aqueles que buscavam rotas alternativas para fugir da forte fiscalização empreendida pelas autoridades da época, com vistas à

cobrança de impostos, nas estradas oficiais. De qualquer forma, deve-se reiterar que a região foi considerada *sertão baldio* até início do século XIX.

## O Povoamento de Frutal: seguindo os cursos d'água

Em Frutal, os registros históricos sinalizam para a chegada dos povoadores brancos em 1835, vindos do estado de São Paulo, precisamente do município de Franca. Os brancos são considerados, então, pela história “oficial”, os fundadores da cidade. Construíram a primeira capela em 1851 em homenagem a Nossa Senhora do Carmo. Fixaram-se nas terras do sertão e demarcaram a posse de terras.

Até a década de 1870, todos os núcleos urbanos exibiam a paisagem característica das aglomerações sertanejas do Brasil colonial: um adro retangular no centro da localidade, dominado por uma igreja ou capela, ladeado por edificações de taipa ou adobe, com arruamento perpendicular nos lados. À frente do templo, o cemitério e, dos lados, espaço livre para as procissões (LOURENÇO, 2007, p.20).

Há indícios de que outros moradores já habitavam o lugar. A população “bugre”, segundo depoimentos de seus descendentes, era formada por indígenas originários do estado de Mato Grosso e seus familiares habitavam a localidade antes da chegada dos paulistas. Antônio Diniz<sup>7</sup>, descendente dos bugres, afirma que seus familiares foram os primeiros habitantes do local:

Eles eram de Miranda. [...] naquela época, não se sabe por que *eles veio*. Todos eles diziam que, quando *veio* para cá, não existia gente. [...] Cada um tinha sua casa... *tinha* seus ranchos. Depois foi casando, foi cruzando o branco com os índios. Minha mãe, por exemplo, era branca e o pai era índio.

Suas moradias eram organizadas em ranchos construídos próximos aos ribeirões Vertente Grande e Frutal, em local denominado “Capoeira dos Bugres”<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Entrevista concedida, em 16/03/2012, ao Projeto História e Cultura da Água em Frutal, integrante do Programa Água pra Toda Vida, desenvolvido pela Centro UNESCO-HidroEX.

<sup>8</sup> A Capoeira dos Bugres corresponde hoje aos bairros Alto Boa Vista e Cidade Jardim.

A paisagem rural oitocentista do Triângulo Mineiro, que os relatos dos viajantes do início daquele século deixavam entrever, resultava de um padrão de ocupação que tendia a manter praticamente desertas as chapadas, enquanto os cultivos, a moradia e o instrumental técnico de beneficiamento se situavam nos vales fluviais. (...) A razão da escolha desse sítio é, essencialmente, a necessidade da água: esta era obtida pelos regos d'água, desviados dos córregos adjacentes. Além disso, a presença mais comum das terras de cultura nas matas galeria favorecia o cultivo de hortas e pomares. Dessa forma, o sítio sempre deveria estar a jusante de algum pequeno curso d'água, que pudesse ser facilmente transposto por estivas e pinguelas. Raramente, contudo, o sítio escolhido ficava na margem de rios caudalosos, de difícil transposição e sujeito a febres malsãs (LOURENÇO, 2005, p. 213-214).

Já a população proveniente de Franca-SP se estabeleceu onde hoje é a região central de Frutal, local em que foi construída a primeira capela e a praça. Esses moradores ocupavam as únicas ruas da cidade<sup>9</sup>.

Na região do bairro Princesa Izabel, à época conhecido como Brejinho, em virtude de estar próximo ao córrego de mesmo nome, havia concentração de população negra – possivelmente fugida ou liberta da escravidão. Os três grupos de povoadores de Frutal – bugres, negros e brancos – diversos do ponto de vista étnico-cultural, fixaram-se em diferentes áreas. Os cursos d'água desempenharam, pois, a função de demarcar os territórios, originando a configuração socioespacial do lugar, conforme pode ser comprovado pela imagem abaixo.

---

<sup>9</sup> As ruas centrais eram: Avenida Coronel Delfino Nunes (Rua de Cima), Rua Senador Gomes da Silva (Rua do Meio) e Rua Antônio de Paula (Rua de Baixo).



**Figura 2:** Mapa da organização socioespacial de Frutal no séc. XIX

Organização: Debora Gabriele dos Santos Pinto Pereira, 2012

Orientação: Lucia Elena Pereira Franco Brito / Projeto História e Cultura da Água em Frutal

Percebe-se também que, em Frutal, foram distintas as formas de ocupação e organização espacial. Na região da Capoeira dos Bugres, as moradias eram construídas de forma aleatória, em ranchos, como explica Antônio Diniz: “Cada um tinha sua casa... tinha seus ranchos”. Na região do Brejinho/Mangueirão<sup>10</sup>, a população organizava-se em chácaras, ou seja, as moradias não apresentavam uma configuração espacial característica das cidades, com o traçado de ruas, e sim uma ordenação espacial ainda rural. Como exemplifica Delfino Conceição Teixeira<sup>11</sup>, antigo morador do Mangueirão, quando se utiliza do termo chácara para definir o lugar que habitavam:

Mangueirão é por causa das mangueiras, porque tinham duas mangueiras enormes nativas ali, ficava dentro da nossa chácara e ali tinha o bairro Mangueirão. Aí era falada a “Comunidade do Mangueirão”, era o nosso pessoal. O Brejinho estava na divisa, o Brejinho é após o córrego, do outro lado do córrego era o bairro Brejinho.

<sup>10</sup> As áreas correspondentes ao Mangueirão e Brejinho eram separadas pelo córrego Brejinho. As duas áreas eram ocupadas por moradores predominantemente negros. Sr. Delfino esclarece a localização atual: “O Brejinho hoje é o Princesa Isabel [...]. O Mangueirão agora é Centro, está perto do Calçadão, está próximo ao Calçadão ali”.

<sup>11</sup> Entrevista concedida, em 19/09/2012, ao Projeto História e Cultura da Água em Frutal, integrante do Programa Água pra Toda Vida, desenvolvido pela Centro UNESCO-HidroEX.

Já os primeiros moradores brancos abriram as ruas da cidade, construíram a capela, a praça e o coreto. Por meio dessas ações, apropriaram-se da formação do povoado, assumindo funções diferentes dos outros dois grupos populacionais que habitavam o lugar.

As formas de ocupação socioespacial dos pioneiros evidenciam, assim, marcantes diferenciações sociais na constituição dos bairros, conferindo distintas funções aos lugares e promovendo mesmo sua hierarquização. Haja vista que o centro de Frutal, local em que os brancos se instalaram, tornou-se o *locus* da reprodução comercial da cidade, abrigando a maior quantidade de equipamentos e serviços de uso coletivo<sup>12</sup>. Já os bairros Princesa Izabel (Brejinho) e Cidade Jardim (Capoeira dos Bugres), que também receberam povoadores, ainda hoje não possuem os mesmos equipamentos de uso coletivo. De acordo com Delfino Conceição Teixeira, apenas a população rica morava no centro da cidade, ocupando as “ruas principais”:

O Brejinho é um dos mais *antiguíssimos* da cidade, hoje é denominado Princesa Izabel. Esse bairro é um dos bairros mais antigos da cidade. Eu me lembro da cidade quando tinha apenas três bairros: Tinha o bairro Brejinho, o Centro e a Capoeira [...]. [O Centro era o pessoal] de mais alta posse [...] tinham três ruas: a Rua de Baixo, a Rua de Cima e a Rua do Meio.

A divisão espacial da cidade era, portanto, feita pelos córregos, que demarcavam áreas, definindo limites territoriais. Bolivar Abadio de Paula e Silva<sup>13</sup>, descendente dos fundadores “oficiais” da cidade e antigo morador do centro de Frutal, esclarece:

A Capoeira do Bugre é o Boa Vista, o bairro da Boa Vista. [...] famílias de bugres que viveram lá. [...] A cidade em si era mais aqui, no centro e tinha uma divisão de casta: os bugres do lado de lá do córrego e, do lado, do outro córrego do brejinho, ficava a parte mais... hoje, eles falam favela, né? A parte mais pobre da cidade com a maioria de negros. [...] A cidade aqui mesmo, nossa, naquela época era composta, naquela época, de três ruas: rua debaixo, rua do meio e a rua de cima.

<sup>12</sup> Os equipamentos e serviços de uso coletivo são os recursos e infraestruturas fixados na cidade, utilizados de forma coletiva, para atender ao processo de produção e viabilizar a reprodução do capital. Possibilitam que a força de trabalho possa se mobilizar e sobreviver na cidade.. Cf. VEDUVOTO, 2011.

<sup>13</sup> Entrevista concedida, em 27/01/2012, ao Projeto História e Cultura da Água em Frutal, integrante do Programa Água pra Toda Vida, desenvolvido pela Centro UNESCO-HidroEX.

Esta apropriação diferenciada do espaço causou uma relação de centro-periferia na cidade. Quando Sr. Delfino diz que apenas a população com maior poder aquisitivo morava no centro da cidade, nos revela que havia uma hierarquia (re)produzida pelas classes sociais. Como descrito por Carlos (2007):

Nesse sentido, a prática social é espacializada e a ação envolve espaço e tempo, realizando-se em várias escalas indissociáveis a partir do plano do lugar. Na cidade, revela-se como justaposição entre uma morfologia social (promovida pela diferenciação das classes na sociedade) e pela morfologia espacial (produzida pelas diferenças nas formas e modos de acesso aos espaços da vida, através do uso). O desenvolvimento histórico da propriedade no seio do processo de reprodução aponta a reprodução do valor de troca – e o que dela se diferencia, o que ela subordina e como orienta o uso como possibilidade de apropriação realizando-se como diferença (CARLOS, 2007, p.49).

Considerando a condição socioeconômica dos três grupos populacionais que primeiro habitaram a localidade, no tocante à apropriação e posse de terras, apenas os brancos podiam regularizar suas propriedades, enquanto negros e bugres eram desprovidos desse direito, dada a condição histórico-social destes povos.

Desta maneira, quando se tornou necessário “ordenar” a cidade, enquanto negros e bugres perderam o direito à propriedade da terra em que originalmente se estabeleceram, os brancos puderam tomar posse das áreas ocupadas. Portanto, as características do povoamento, as diferenciações socioespaciais daí decorrentes, nos revelam como foi se configurando a cidade e explicam hierarquizações que ainda hoje se manifestam em Frutal.

### **Considerações Finais**

As contribuições deste trabalho estão situadas na interpretação da organização socioespacial de Frutal, considerando, dentre outros, as características físico-naturais do domínio cerrado. Haja vista que a produção e (re)produção do espaço estão situadas nas inter-relações construídas entre os povoadores (moradores) e o espaço geográfico. Tais relações são fundamentais para o entendimento de como foram empreendidas técnicas e ações que permitiram a sobrevivência desses moradores neste espaço, principalmente no que concerne aos recursos hídricos e sua utilização. Também



foi possível identificar como se deu a origem de alguns lugares, hoje bairros, cuja diferenciação espacial separava culturas e distintas classes sociais.

Assim, verifica-se que o processo de povoamento da cidade de Frutal revela uma apropriação seletiva do espaço com conseqüente diferenciação econômica e social. As regiões centrais (brancos e ricos) e periféricas (negros e índios – pobres) foram delimitadas pelos cursos d'água. A ocupação do Oeste mineiro, “desbravado” por homens que objetivavam demarcar terras, já incitara as diferenciações entre os que primeiro habitaram a região e a utilizavam para a sobrevivência e os que chegaram e foram se estabelecendo como proprietários do lugar.

Observou-se que com o crescimento e desenvolvimento da cidade, ao longo dos séculos XIX e XX, predominaram ainda as diferenças entre os bairros de Frutal, uma vez que serviços como água encanada e luz elétrica atenderam primeiramente aos moradores da região central. Enquanto que nos bairros periféricos tais recursos chegaram tardiamente, sendo o centro da cidade o bairro que ainda apresenta a maior quantidade de equipamentos de uso coletivo.

Resgatar essas memórias para a sociedade frutalense é importante no sentido de (re)conhecer o espaço vivido, bem como a origem da população de Frutal, permitindo que os moradores locais reconheçam a si mesmos e aos outros como sujeitos que (re)constroem a história do lugar.

## **Referências**

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: **Colóquio O discurso geográfico na Aurora do século XXI**. Florianópolis: Programa de pós-graduação em Geografia/UFSC, 27-29 nov. 1996.

Agência de Informação Embrapa. **Bioma Cerrado: Latossolos**, 2007. Disponível em: <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br>>. Acesso em: 30 jan. de 2013.

BARBOSA, Altair Sales. **Saiba mais sobre o cerrado**. Museu Virtual de Biodiversidade do Cerrado: PUC-Goiás. Disponível em: <<http://www.pucgoias.edu.br>> Acesso em 20 jan de 2012.

Câmara Municipal de Frutal. **Aspectos gerais**. 2013. Disponível em: <<http://www.camarafrutal.mg.gov.br>>. Acesso em: 30 jan. de 2012.

CARLOS, Ana Fani A. **Diferenciação socioespacial**. Revista Cidades. Presidente Prudente, vol. 4. N.º. 6, pp 45-60, jan.-dez., 2007.

FERREIRA, Terezinha Lamounier. **Respingos da História III**. Registros de Fatos Pessoais e Acontecimentos Históricos de Frutal. Frutal: 2009.

FREITAS, José Ferreira de. **O sertanista das barrancas do rio Grande**. Cuiabá, 2004.

InfoEscola. **Geografia: Planalto Central**, 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com>>. Acesso em: 30 de jan. de 2013.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **Das fronteiras do império ao coração da República**. O território do Triângulo Mineiro na transição para a formação sócio-espacial capitalista na segunda metade do século XIX. São Paulo: USP, 2007.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A Oeste de Minas: Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista**. Triângulo Mineiro 1750-1861. Uberlândia, Edufu, 2005.

NORONHA, Gilberto César. **O lugar da História na História do lugar: Sobre geografias e espaços de memória no oeste de Minas Gerais**. Revista Virtual Outros Focos. 2012. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br>>. Acesso em: 04 mar. de 2012.

QUINTELA, Antón Corbacho. **Do sertão ao cerrado do Planalto Central: uma questão de nomenclatura**. Revista ufg/ ano xii nº 9, 2010. Disponível em: <<http://www.proec.ufg.br>>. Acesso em: 31 de jan. de 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e espaço, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. Cadernos INPUR. Rio de Janeiro. Ano XII. N. 2. 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004c. 5 ed. In. SILVA, Marcelo Werner da. **A Geografia e o estudo do passado**. Terra Brasilis (Nova Série), 2012. Acesso em: 19 mar. de 2012. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/246>>.

SANTOS, Milton; BECKER, Berta K. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA, Marcelo Werner da. **A Geografia e o estudo do passado**. Terra Brasilis (Nova Série), 2012. Acesso em: 19 mar. de 2012. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/246>>.

## **Depoentes**

DINIZ, Antônio. **História e Cultura da Água em Frutal**. Depoimento [16 mar. 2012]. Frutal: Centro UNESCO-HidroEX.

SILVA, Bolivar Abadio de Paula e. **História e Cultura da Água em Frutal**. Depoimento [27 jan. 2012]. Frutal: Centro UNESCO-HidroEX.

TEIXEIRA, Delfino Conceição. **História e Cultura da Água em Frutal**. Depoimento [19 set. 2012]. Frutal: Centro UNESCO-HidroEX.

Recebido para publicação em junho de 2014  
Aprovado para publicação em julho de 2014